

TOPICOS DE PESQUISA SOBRE A PROBLEMÁTICA "MONOPOLIZAÇÃO E SALÁRIOS"

Esquema do presente trabalho

1. Algumas constatações empíricas
2. Precisações necessárias
 - 2.1. Concentração e Monopolização
 - 2.2. Indicadores de Monopolização
3. Caminhos de uma teorização das relações entre salários e monopolização
4. Problemas em aberto
 - 4.1. ^{Inventário} ~~Inventários~~ de questões teóricas a exigir aprofundamento
 - 4.2. Esquema de artigo sobre este tema
5. Disponibilidades estatísticas portuguesas

BIBLIOGRAFIA

1.

Nos estudos sobre monopolização da economia capitalista contemporânea existem muito poucas referências à relação entre aquela variável e os salários. O significado económico-social da existência e desenvolvimento dos monopólios e seus impactos sobre a organização social-política é o primeiro vector desenvolvido pela maioria dos trabalhos. As relações entre monopólios, preços e lucros constituem o segundo vector. Neste caberia, eventualmente, uma referência aos salários, mas tal não acontece, limitando-se à análise dos preços das mercadorias produzidas e das matérias-primas utilizadas.

No entanto existem alguns trabalhos referentes a diversas economias desenvolvidas estrangeiras.

Tomemos alguns exemplos:

(BEHMAN, 2)

- a) Admite que as variações salariais no tempo dependem da influência dos sindicatos, da concentração industrial, do mercado de trabalho e do índice de preços no consumidor, isto é

$$\Delta W = I + b_1 [(D-S)/S] + b_2 \Delta CPI$$

em que I representa duas forças institucionais existentes no mercado de trabalho: U= Sindicatos e C= Concentração Industrial.

- b) Desagregando a economia em sectores ensaio, para cada sector uma regressão do tipo

$$\dot{w}_t = a + b_1 [(D-S)/S]_t + b_2 CPI_t + \epsilon_t$$

em que o parametro independente expressaria quer as forças institucionais atrás referidas quer o termo constante medindo a parte não explicada pelas variáveis endógenas.

Nos ensaios aquela acaba por assumir a seguinte forma

$$\dot{w}_t = a + b_1 H_t + b_2 CPI_t + b_3 (W/R)_{t-3} + \epsilon_t$$

em que H_t é um indicador das variações da procura de trabalho no curto prazo e W/R é a relação entre o preço do trabalho e o preço do capital de equipamento, para reflectir as variações da procura de trabalho no longo prazo.

- c) Obteve, assim, um vector de parametros independentes $\{a_i\}$ um para cada sector. Para o conjunto dos sectores ensaia uma regressão do tipo

$$\log a_i = \log C_0 + b_1 \log U_i + b_2 \log C_i + \log e_i$$

que se revela significativa, com os parametros b_1 e b_2 positivos e significativos.

O resultado apenas tem a limitação de eventualmente existir correlação entre U_i e C_i

(HENDRICKS, 14)

- a) O objectivo é reanalisar a tese de que as imperfeições nos mercados de produtos e de trabalho conduzem a salários rígidos.

Criticando a falta de estudos diacrônicos procura analisar a influencia do ciclo económico sobre a influencia da sindicalização e concentração sobre os salários.

- b) Possui umas matrizes de dados referentes a i sectores e n meses (360 meses do periodo 1947/1976).
- c) Para cada mês e para o conjunto dos sectores industriais ensaia uma regressão do tipo

$$\log (w)_t = \alpha_t + b_{1t} UN + b_{2t} CCR + b_{3t} UN \cdot CCR + \epsilon_t$$

com $(w)_t$ = salário médio por trabalhador produtivo na industria no mês t

UN = percentagem de sindicalização na industria i

CCR = ratio de concentração para a industria i

$UN.CCR$ = interacção dos dois factores (uma variável autónoma)

e, obviamente, $b_{1t} = \frac{\partial W}{\partial UN}$ e $b_{2t} = \frac{\partial W}{\partial CCR}$ $b_{3t} = \frac{\partial W}{\partial UN.CCR}$

Obtem, assim, três vectores $\{b_{1t}\}$, $\{b_{2t}\}$ e $\{b_{3t}\}$ com 360 dados.

- d) Para o conjunto dos 360 meses em time-crossing ensaia para cada um dos três vectores

$$b_{it} = d_{0i} + d_{1i} COL + d_{2i} VE + \epsilon_i$$

com COL = variação do custo de vida

VE = numero de desempregados masculinos

- e) No primeiro conjunto de regressões, aquele que para já nos interessa mais, obtem resultados significativos, que mede a influência positiva da concentração sobre o nível salarial para a globalidade dos meses.

Para as 360 regressões em todos os casos os coeficientes de UN e CCR são positivos e significativos e o de $UN.CCR$ negativo e significativo.

4

f) Do segundo conjunto de regressões obtem também conclusões importantes:

- A hipótese de salários oligopolistas rígidos não é concordante com os resultados.
- O aumento do nível de preços e decrescimento do desemprego levam a um decrescimento no impacto estimado da concentração sobre os salários
- A diminuição do nível de preços e aumento do desemprego levam a um decrescimento no impacto estimado da concentração sobre os salários.

e, para terminar

"The empirical results in this paper indicate that the impact of unions and the impact of oligopolistic structure on wage levels are sensitive to both changes in the price level and in the unemployment rate... the union and oligopoly effects move in opposite directions".

Estes dois estudos, procuram articular as informações diacrónicas e sincrónicas e tem objectivos mais ambiciosos que os nossos, mas deles ressalta:

- a) influência da concentração sobre $\dot{W}$ e W (positiva)
- b) nos dois casos a análise da influência da concentração é através dum corte sincrónico.
- c) concentração e sindicalização aparecem intimamente ligados.

~~Nos~~ Tentamos também verificar qual a influencia da concentração industrial portuguesa sobre os salários (PIMENTA, 19)

- a) partindo da desagregação da industria em 132 sectores industriais, considerou-se em bloco o periodo 1972/77 para evitar a influencia de factores "conjunturais".

Depois de admitir diversas hipóteses de indicadores, optou-se pela "percentagem de estabelecimentos com mais de 1000 trabalhadores no sector i (Gi) tomando apenas os valores diferentes de Zero". A fonte estatística foi "Estatísticas Industriais" e a regressão mostrou-se globalmente significativa

e

$$\frac{SAL}{OP} = 58,97 + 12,22 \log G + e$$

(15,77) (2,74)

- b) Partindo de uma divisão industrial por sectores mais agregados (fonte: Recenseamento Industrial de 1972) e tomando como indicador da concentração a "percentagem de trabalhadores em empresas com mais de 500 trabalhadores no sector i (Ai)" obteve-se

$$R = 26,82 + 0,29 C + 0,26 A$$

(2,40) (0,14) (0,06)

global e parcialmente significativa com

R= Remuneração ilíquida por trabalhador

C= Taxa de variação do índice de produção industrial dessazonalizado no ano 1971 (média aritmética dos dados mensais) em relação ao anterior para cada um dos sectores considerados.

- c) Concluindo-se que "a concentração é um elemento influenciador do nível salarial num quadro sincrónico, mas não surge como um elemento determinante"

2.

Em todos os casos anteriormente referidos se analisou a influência da monopolização sobre os salários tomando como indicador daquela o grau de concentração que, por sua vez, é estudado

recorrendo a diversos indicadores. Isso exige algumas precificações, a saber, qual o grau de identidade entre "monopolização" e "concentração", por um lado e, quais os melhores indicadores de "monopolização", por outro.

2.1. Dispensamo-nos aqui de abordar questões como:

- significado de monopólio
- unidade e diferença entre concentração e centralização.

Os monopólios são frequentemente encarados como uma nova forma de concorrência [conceito cujo significado tem evoluído historicamente (STIGLER, 18)] dentro do sector e entre sectores (os dois aspectos estão intimamente ligados), negação do tipo de concorrência que os gerou e afirmação positiva de um novo tipo.

Analisar a concorrência em termos estritos do mercado é claramente insuficiente, o mesmo acontecendo com a monopolização. Só a interligação da produção/^{distribuição}circulação/troca/consumo permite apreender o fenómeno. Ao fazê-lo recorre-se à análise marxista e tem que se ter em conta as advertências de (SEMMLER, 27) :

- Em Marx a concorrência é um conceito derivado e não pode apenas ser considerado como uma força de equilíbrio mas também como uma força produzindo desequilíbrio, distorções e reafectação de recursos" (p.741)
- "concorrência não se refere só à circulação das mercadorias mas também tem que ver com a produção, a realização e distribuição da mais-valia" (p.741).

Tomando a globalidade de elementos a considerar na monopolização, seríamos levados a optar por indicadores que reflitam a bipolaridade do processo produção/troca ou, mesmo, a quadripolaridade de produção/distribuição/troca/consumo.

Os diversos estudos que analisam os monopólios, tomam indicadores ~~globais~~ ^{globais} em cinco núcleos:

- I) Rácios de concentração
- II) Barreiras de entrada (despesas de publicidade;

7

economias de escala medidas pelo mínimo de eficiência; custos de crédito, matérias-primas e patentes; montante bruto de investimento; custos absolutos; diferenciação de produto)

III) Barreiras existentes (investimentos nos custos de venda, despesas de investigação e desenvolvimento, eficiência mínima de escala, exigências de capital)

IV) Coligações empresariais

V) Condições de produção e utilização das mercadorias (ratio capital/output; produtividade; custo unitário em salário).

Admitindo que o quinto núcleo é um conjunto de indicadores indirectos, ficam os restantes quatro.

É sobre eles impõe-se algumas conclusões:

- a) Existem relações estreitas entre Rácios de concentração, barreiras de entrada e barreiras existentes (SEMMLER, 26 e 27) (BRUSH, 4) (COMANOR, 5) e entre estas e produtividade (PHILLIPS, 18)
- b) É necessário, eventualmente, distinguir entre condição necessária/condição suficiente e entre influências de mais médio e longo prazo. É para o que aponta (SEMMLER, 26) caso a influência da monopolização sobre os salários se desenvolva pela via dos lucros:

- vários estudos recentes revelam existir uma relação positiva entre altos lucros e barreiras de entrada e revelam também que os rácios de elevada concentração só têm em efeito duradouro sobre os preços e lucros se ao mesmo tempo existirem barreiras de entrada.

Identica conclusão (também pela via dos preços e dos lucros) se retira de (MANN, 16) que mostra que

- || - a concentração das vendas é ^{entre os factores analisados} uma condição necessária mas não suficiente para elevação dos preços.

A existencia de barreiras de entrada preenche a condição suficiente. Se estas não existem, os próprios oligopolios podem baixar os preços para desincentivar a atracção de capitais.

e de (STONEBRAKER, 29) que econometricamente relaciona o "risco" (medida pelas barreiras de entrada) com a taxa de lucro, fazendo o risco de entrada função do peso das despesas de publicidade nas vendas, do peso das despesas de investigação nas vendas, da medida das economias de escala e da dimensão mínima das fábricas.

c) Diversos estudos apontam para a superioridade das barreiras de entrada e barreiras existentes como indicadores da monopolização.

É o que resulta do afirmado de (SEMMLER, 26) e (MANN, 16) e (STONEBRAKER, 29)

Identica conclusão foi obtida por (ROMANOR, 5) que chama a atenção para a importância das despesas de publicidade.

2.2. Do afirmado anteriormente se conclui a existencia de quatro núcleos de indicadores. Os segundo e terceiro ^{aparecem} claramente explicitados quanto às formas da sua medição. O quarto é extremamente difícil de quantificar e não lhe faremos referência. Resta pois analisar os indicadores da concentração e abordar um outro problema: monopólios /grupos monopolistas.

2.2.1. Indicadores de concentração

Nós já abordamos o problema ao estudar a concentração (PIMENTA, 19) atendendo a um duplo pendôr: o teórico e a informação estatística disponível para Portugal. Aí damos conta da falência de alguns indicadores utilizados.

(DAVIES, 7) procura estudar qual o melhor indice da concentração industrial, seguindo a via do traçado de curvas de Iso-concentração. Toma como amostra quatro indicadores:

$$- CR_j = \sum_{i=1}^j X_i$$

X_i = percentagem de emprego da
i-ésima empresa no total

- Medida de Lorenz (ou de Ginni) L

$$- H = \sum_{i=1}^n X_i^2$$

normalmente $n=4;5$. tal como CR_j ;
e X_i tem o significado anteriormente
indicado. Chamado Índice de Herfindahl.

$$- E = - \sum_{i=1}^m X_i \log X_i$$

e conclui pela inadequação do indicador L, a supremacia de E e a obtenção de bons resultados também com CR₅. *(Handwritten: 14.2)*

Diga-se, de passagem, que tais indicadores têm grande dificuldade de aplicação a Portugal porque partem de dados empresariais, esparsamente disponíveis. A tentação de recorrer a indicadores mais agregados é grande, mas convirá não esquecer a recomendação de (GEITHMAN(AAVV), //): "Our most important conclusion, however, is that a single critical concentration ratio for all of manufacturing is likely to be incorrect in many specific cases" (p.352).

2.2.2. A estratégia de uma empresa monopolista num sector é diferente conforme é isolada ou parte integrante de um grupo de empresas o qual possui uma estratégia unificada, como chama a atenção (ENCAWA, 10): "Se, numa primeira análise, as primeiras empresas surgem principalmente como monosectoriais, as segundas estão ligadas a unidades de decisão que coordenam diversas actividades, submetendo-as a uma estratégia mais global. Por isso mesmo, o esquema de análise que liga a lucratividade média de um sector apenas às características sectoriais parece dever ser posto em causa num certo número de casos".

E, quanto à aplicação do seu modelo (que procura medir a lucratividade em função da intensidade capitalista, sectorial, relação entre custos directos não salariais a custos salariais, índice de concentração de Herfindahl, taxa de crescimento da procura, taxa de exportação e sindicalização), conclui que "nos sectores de fraca presença de grupos, a qualidade do modelo é pouco diferente do que era na regressão global. Todas as variáveis guardam ~~o~~ ~~seu~~ ~~seu~~ caracter significativo, incluindo a da concentração. Pelo contrário, onde os grupos estão bem implantados, duas variáveis estruturais (a concentração e a taxa de crescimento sectorial) perdem todo o poder explicativo sobre a partilha do valor acrescentado".

Esta questão levanta sérias dificuldades.

3.

Existem estudos empiricos e análises teoricas que permitem estabelecer concatenações lógicas entre grau de monopolização e salários, ora de sentido positivo ora negativo.

Neste ponto procuraremos rapidamente referenciar ~~esses~~ encadeamentos teóricos, exigindo sempre um estudo mais aprofundado.

a) Diversos estudos marxistas (ex. (LLANO, 15)) chamam a atenção para o impacto dos monopólios sobre os preços no sentido do aumento dos referentes aos outputs e da diminuição dos de inputs. Ora, sendo a força de trabalho um input, os salários estariam sujeitos a uma tendencia à baixa.

b) Diversos trabalhos apontam igualmente para uma partilha do valor acrescentado crescentemente favorável ao capital quando aumenta a monopolização:

(ENCAOUA, 10) ensaia o modelo já anteriormente referido e obtém o seguinte resultado significativo:

$$EBESW = -0,298 + 0,462 \cdot 10^{-3} INCAP + 0,860 \cdot 10^{-1} MSW + 0,244 \cdot 10^{-4} CONC + \\ + 0,246 \cdot 10^{-4} CR + 0,569 EXP + 0,209 X - 0,710 \cdot 10^{-1} Y$$

$$R^2 = 0,6113$$

com INCAP = intensidade capitalista do sector

MSW = relação entre custos directos não salariais e custos salariais

CONC = indice de Herfindahl com n=4

CR = taxa de crescimento da procura das 4 principais empresas

EXP = taxa de exportação das 4 principais empresas

X = "dummy" das industrias de bens intermediários

Y = " " " " " " de equipamento.

e em que as variáveis X e Y procuram medir a sindicalização. *929*

Tal constatação permite admitir a confirmação do apontado em a) mas também não é incompatível com a hipótese de aumento de salários.

c) Ora os monopólios aparecem frequentemente associados a lucro de monopólio e este ao facto de ser superior à média:

- 11
- . (DIXIT, 9) conclui, o que em grande medida já estava en-
globado nas hipóteses, que os preços de monopólio são supe-
riores aos preços de duopólio e est~~as~~ aos preços que vigo-
ram no caso de guerra de preços.
 - . (MCENALLY, 17) conclui num estudo para 16 sectores no pe-
riodo 1950-65: "Examination of measures of the mean return
and dispersion of return ... reveals two statistically signi-
ficant tendencies: (1) for the dispersion of mean returns a-
mong industries (the inter-industry return dispersion) to be
greater in industries where the forces of competition as mea-
sured by barriers to entry are impeded, and (2) for the dis-
persion of returns within industries (the ^{intra} ~~inter~~-industry re-
turn dispersion) to be g~~ma~~ter in the less competitive indus-
tries"

e poder-se-iam referir muitíssimos outros autores, marxistas ou não.

Ora como vimos no primeiro trabalho (PIMENTA (AAVV), 23)
existe uma relação positiva entre taxa de salário nominal e lucros,
mais rigorosamente taxa de lucro.

Contudo convirá sobre este assunto ter presente algumas re-
comendações:

- . (SCHWARTZMAN, 25) que relaciona o rácio de preço de ven-
da pelo custo variável médio com as situações de monopólios
e concorrência nos EUA e Canadá e conclui que há uma dife-
rença significativa entre taxa de lucro de sectores monopo-
lizados e de concorrência, mas que não é possível, tal co-
mo outros autores já tinham verificado, estabelecer uma
gradação entre graus de monopólio e taxa de lucro.
- . (DALTON(AAVV), 6) verifica empiricamente que as mudan-
ças na concentração não têm impacto significativo sobre a
taxa de lucro.

nomeadamente a globalidade das conclusões empíricas e teóricas do im-
portantíssimo trabalho (SEMMLER, 27):

CONCLUSÕES EMPIRICAS

- antigos estudos sincrónicos e diacrónicos para as
décadas 30, 40 e 50 relacionando concentração e taxas

de lucro mostram normalmente a existência de uma relação positiva entre essas categorias; esses estudos não explicam a possível persistência dos altos lucros; alguns estudos mais recentes com "cross-sectional" mostram não existir relação entre taxas de lucro diferenciais e concentração.

- Vários estudos recentes revelam (como já dissemos anteriormente) também que os raios de elevada concentração só tem um efeito duradouro sobre os preços e lucros se ao mesmo tempo existirem barreiras de entrada; alguns estudos revelam uma correlação negativa entre barreiras existentes e taxa de lucro; conforme a fase conjuntural assim a importância das barreiras de entrada ou das barreiras existentes (sobretudo nas fases de estagnação e declínio da procura).
- a cooperação entre empresas apresenta um efeito negativo em relação aos lucros, mas a relação lógica pode ser a inversa; há coligações porque há baixos lucros.
- Diversos estudos revelam que as taxas de lucro diferenciais estão fortemente relacionadas com as condições de produção e realização das mercadorias.
- as pequenas empresas podem ter as mesmas taxas de lucro das grandes empresas mas as suas taxas de lucro são mais instáveis e variam muito durante o ciclo

CONCLUSÕES TEÓRICAS:

- de cima*
- (1) "Concentração e barreiras de entrada podem ter duas consequências temporárias: um decrescimento da concorrência de mercado com (e/ou entre) indústrias e uma subida dos preços de mercado acima dos preços de produção. Contudo as barreiras de entrada também são barreiras existentes, um decrescimento do número de empresas numa indústria não significa por si um declínio da concorrência, e a crescente imobilidade do capital físico pode ser acompanhado por um aumento da mobilidade do capital-dinheiro. O lucro de monopólio parece referir-se a condições especiais e casos; contudo, no longo prazo, é impedido pelo desenvolvimento e concorrência dos outros capitais" (p.750)

- 12
5)
- (2) "O circuito de capital requer um periodo de tempo que varia de industria para industria. Assim os desequilibrios entre oferta e procura causados por restrições naturais à mobilidade do capital causa desvios dos preços de mercado em relação aos preços de produção (o centro de gravidade)" (p.750)
- (3) "A pequena dispersão das taxas de lucro das grandes corporações em comparação com a das pequenas empresassó é uma expressão do facto das taxas de lucro das grandes empresas serem mais fechadas à taxa média de lucro, enquanto que as taxas de lucro das pequenas empresas flutuam muito mais em torno da taxa média de lucro" (p.751)
- "Diferentes taxas de lucro entre empresas não significa necessariamente um sinal de poder de monopólio" (p.751)
- (4) "Trabalhos empíricos revelam uma forte correlação entre concentração, barreiras de entrada e margens de lucro" (...) "Contudo, o significado dos resultados positivos não equivale a dizer que os diferenciais de taxas de lucro sejam devidos à concentração e barreiras de entrada" (p.751). Po de reflectir racios de capital/output ou composiçãõ orgânica do capital diferentes.
- "Podemos concluir que observações empíricas sobre diferentes margens de lucro nos chamados sectores oligopolizado e não-oligopolizado e diferentes mudanças nas margens de lucro no longo prazo ou ao longo do ciclo não confirma o aumento de poder de mercado ou das taxas de lucro nos chamados sectores oligopolizados" (p.752)
- (5) "Preços administrativos, margens de preços (...) não são apenas o resultado de uma redução do numero de empresas num sector" (p.752)

acabando por afirmar. "Therefore it seems necessary to distinguish "monopoly power" from the power of "large units of capital", which is not defined in relation to market struture, but more in terms of the notion of a unit of capital".

43

d) Como se deduz da quarta conclusão teorica anteriormente apresentada, e que era deduzivel de muitas outras análises empiricas e teoricas, as grandes unidades produtivas apresentam melhor estrutura tecnica do capital e mais elevada organização, pelo que possuem maiores produtividades. Os mais elevados salários podem reflectir este aspecto.

e) Diversos autores, mesmo com formações doutrinarias diferentes têm insistido na capacidade dos monopólios controlarem, pelo menos parcialmente, as suas condições de produção e marcado, tendo insidências sobre os salários:

Já em (PIMENTA (AAVV), 23) fizemos referencia à posição de Phelps quanto ao comportamento das empresas oligopolistas: aumento de salários para atrair trabalhadores, reduzir a taxa de lucro para não atrair capitais concorrentes, aumentar as barreiras de entrada, actuação pr antecipações.

(DELILEZ, 8) defende que "é no interior dos conjuntos mais ou menos coerentes que constituem os monopólios e os grupos que as contradições, elevados a um grau superior, se desenvolvem e se estimulam, o que leva a supor uma interacção muito mais complexa da base e da superestrutura". Esta tese encontra-se também reflectida na teoria da regulação (BOYER (AAVV), 3) que defende que a passagem a regulação monopolista passa pela interiorização das contradições e controle destas pelos monopólios. Para estes autores a subida dos salários nominais numa fase de dominação dos monopólios (o que coloca o problema numa fase historica globalmente estruturada e não na dimensão das empresas em qualquer fase historica) seria a expressão da nova fase do capitalismo.

Articulando esta visão global com a noção de norma social de consumo (AGLIETTA, 1) temos que tomar em consideração outros elementos como salário directo / salário indirecto, poupança/crédito ao consumo, etc. Mas um elemento chave de aumento salarial seria a existencia de salários-líder em alguns sectores monopolizados e um mecanismo económico-social-político de propagação.

f) Já foi visto (PIMENTA (AAVV), 23) a influencia da sindicalização e actividade dos sindicatos sobre os salários. Ora, como sqlientamos em (PIMENTA, 19), e diversos outros estudos, a que já fizemos referencia corroboram, há uma correlação positiva entre concentração empresarial e capacidade reivindicativa dos trabalhadores.

*

Existem, pois, diversas concatenações possíveis entre a dinâmica salarial ($\dot{W}$) e o nível salarial (W) e a monopolização da economia, ora considerada como escala continua sincronica ou diacrônicamente verificável na sociedade capitalista ahistoricamente considerada, ora como transformação qualitativa do modo de funcionamento global da sociedade. Algumas apontam para uma correlação positiva, outras negativa. É, contudo, de admitir que o conjunto de factores actuando para a movimentação conjunta no mesmo sentido ^é mais forte.

Para terminar convirá chamar a atenção para a existência actual de uma nova estratégia industrial que pode modificar a lógica do exposto e, sobretudo, o significado dos indicadores: desagregação das fracções de produção de uma mercadoria, dispersão do seu fabrico por diversas empresas espalhados por todo o mundo, manutenção de empresas de reduzida dimensão. Ver sobre o assunto (CAM BRILL, 12) e (GROIER, 13).

4.

Do afirmado anteriormente se deduz com clareza que ficam em aberto muitas questões. Referenciá-los, por um lado, e propor a sua abordagem, eis os propósitos deste ponto.

4.1. Sem pretender inventariar todas as questões em aberto, algumas resultantes do grau de desenvolvimento da economia politica, outras reflectindo os poucos estudos sobre a economia portuguesa e, outros ainda, o serem temas colaterais ao actual relatório, eis alguns desses temas:

a) Noção de monopólio e monopolização

- . diferente no marxismo e na economia clássica
- . com um significado que tem evoluído historicamente
- . verificar as formas de integração historico-social e a dinamica entre a categoria analisada e a globalidade do sistema económico-social
- . distinguir entre "poder de monopólio" e poder das "grandes unidades de capital"

b) Impactos dos monopólios sobre os preços

é toda a problemática controvertida preços de produção/preços de monopólio

c) Integração da influencia dos monopólios sobre os salários num modelo global

A preocupação de um modelo global explicativo dos salários tem sido uma das nossas grandes preocupações. Ver (PIMENTA (AAVV), 23) assim como (PIMENTA, 20 e 21 e 24) e sobretudo (PIMENTA, 22).

4.2. ~~T~~o o estudo aprofundado desta problemática exigiria a posteriori elaboração de um artigo que eventualmente poderia ter o titulo "Monopólios e Salários" e a seguinte estrutura:

1. Caracterização do monopólio e seus impactos sobre os preços (e salários)

1.1. Noção de monopólio no marxismo-leninismo

1.1.1. Marx e Engels

1.1.2. Lenine

1.1.3. Visão recente

1.2. Critica à noção burguesa de monopólio

1.2.1. Panorama genérico das diversas doutrinas

1.2.2. Analise de Chamberlain

1.2.3. Analise de Robinson

1.2.4. Apreciação sobre literatura recente

(1.3. Síntese ~~sobre~~do impacto dos monopólios sobre os preços (e salários)

2. Inserção dos monopólios num modelo global explicativo do nível e dinâmica dos ~~preços~~ salários

2.1. Apresentação breve do modelo

2.2. Integração dos monopólios no modelo

2.3. Síntese de estudos sobre a problemática. Delineamento de uma teoria unificadora

3. Ensaios empiricos. Referencia ao caso português,

4. Conclusões

Como acontece em diversos estudos aplicados, um dos grandes problemas que se coloca é a falta de disponibilidade estatística para a concretização do estudo à economia portuguesa. Aliás, diversas dificuldades de definição de um indicador adequado da concentração encontrado na abordagem dos impactos da concentração sobre os salários (PIMENTA, 19) foram sobretudo a expressão da falta de dados estatísticos.

O problema é particularmente grave devido à não publicação oficial de informações sobre as empresas. E o pouco que existe não apresenta sequência temporal.

Vejamos algumas hipóteses referentes à monopolização:

a) Dados fornecidos pelo INE

- i) Nas Estatísticas Industriais existem dados sobre a dimensão média dos estabelecimentos por sectores de 1971 em diante, que é a informação mais directa sobre dimensão das empresas, por nós já utilizado (PIMENTA, 19)
- ii) Na mesma publicação existem informações sobre FBCF, VBP, Energia (E), numero de operários (OP) e numero de estabelecimentos (NE). Com estes dados podem-se construir os seguintes indicadores

- (I) FBCF / OP
- (II) FBCF / NE
- (III) VBP / OP
- (IV) VBP / NE
- (V) E / OP *non-velum*
- (VI) E / NE

em que os dois primeiros seriam indicadores indirectos das barreiras de entrada e os quatro restantes das economias de escala. Os indicadores III e IV são os mais debeis e identificam-se com os utilizados para medir a produtividade.

Para uma análise sincrónica poder-se-ia utilizar medios centrados de 3 anos para evitar factores accidentais e para uma observação diacrónica seria necessário deflacionar os numeradores, além de outros problemas de compatibilidade estatística a resolver.

iii) Nas Estatísticas das Sociedades é possível obter dados similares aos ^{últimos} dos EI mas com diferentes níveis de agregação.

Além disso, possui informações sobre as Amortizações (A) e, apesar de existirem diversas formas de amortizações e períodos de reavaliações, ~~se~~ se considerar aquelas como reflexo do capital Fixo e tomarmos este como indicador de barreira de entrada poderíamos fazer

(I) A / OP

(II) A / NE

iv) Nas Estatísticas das Contribuições e Impostos existem informações da contribuição industrial grupo A do tipo

- . nº de contribuintes
- . matéria coléctável
- . colectas por escalões de matéria colectável

com desagregação regional.

Atendendo à alteração da lei fiscal e à inflação, estes dados apresentam dificuldades para uma análise diacrónica. Atendendo às políticas de isenção tão típicas do nosso sistema fiscal, verifica-se existirem dificuldades para a sua utilização sincrónica.

v) A publicação "Principais Sociedades" pode fornecer alguns dados complementares.

b) Dados fornecidos por outras instituições

Embora não tivessem sido apreciados, será de verificar a possibilidade de utilização de

- . listas das maiores 1000 empresas publicadas pelo Expresso (*pois tem dados sobre remuneração*)
- . publicações de um Gabinete com dados empresariais (sobre grandes, pequenas e médias empresas)

Estes dados só podem permitir estudos sincrônicos

c) Utilização de balanços publicados por Diário da República
Parece só ter interesse como informação complementar, re
corde-se a sua utilização por (PEREIRA, 36)

d) Na Conferencia da CISEP, João Abel Freitas apresentou
uma comunicação intitulada "Lucratividade na Industria
Transformadora com Base no Stock de Capital Fixo" em que
se divide a industria em 78 sectores e fornece dados
sobre "Taxa de Vulnerabilidade" para 1972/79. Ora para
construir ~~esses~~ dados é necessário ter informações sobre
"Remunerações" e "Stock de Capital Fixo". Se tiver o
Numero de Trabalhadores é possível ensaiar

$$\frac{R}{NT} = f \left(\frac{SCF}{NT}, \left(\frac{SCF}{NT} \right)^{\cdot} \right)$$

$$\left(\frac{R}{NT} \right)^{\cdot} = f \left(\frac{SCF}{NT}, \left(\frac{SCF}{NT} \right)^{\cdot} \right)$$

funcionando as variáveis explicativas como indicadores de
barreira de entrada.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- [1]
1. M. Aglietta "Regulation et crises du capitalisme - L'expérience des États-Unis"
1976
Calmann-Lévy
- [2]
Sara Behman - "Wage Changes, Institutions, and Relative Factor Prices in Manufacturing"
The Review of Economics and Statistics
Vol. LI, no 3 - 1969 Agosto
- [3]
BOYER, AAVV - Approches sur l'Inflation - l'exemple français
5 vol.
1978, Paris, CEPREMAP
- [4]
BRUSH, Brian C. - "The Influence of Market Structure on Industry Advertising Intensity"
- [5]
COMANOR, William
S. (AAVV) - "Advertising Market Structure and Performance"
The Review of Economics and Statistics
Vol. XLIX, no 4, Nov 1967
p.423/440
- [6]
DALTON, James
A (AAVV) - "The Concentration - Profitability Relationship is there a critical Concentration Ratio ?"
The Journal of Industrial Economics
Vol. XXV, no 2
1976 - Dezembro
p.133-142
- [7]
Stephen DAVIES - "Choosing Between Concentration Indices: The Iso-Concentration Curve"
Economica no 46 p. 67-75
- [8]
DELILEZ, J.P. - Les Monopoles - Essai sur le Capital Financier et l'accumulation Monopoliste
Editions Sociales, 1972, Paris

- [9]
Avinash DIXIT - "Recent Developments in Oligopoly Theory"
American Economic Review
Vol.72, nº 2 1982 - Maio
p.12-17
- [10]
ENCAOUA, David
(AAVV) - "Pouvoir de Monopole et Répartition Salaires-
-Profits"
Revue Economique, vol 33, nº 1, 1982-Janeiro
p.107-131
- [11]
Frederick E.
GEITHMAN (AAVV)- "Concentration, Price and Critical Concentration
Ratios"
The Review of Economics and Statistics
Vol.LXIII- nº 3 - 1981 - Agosto
p.346-353
- [12]
GAMBRILL - "A nova divisão Internacional do Trabalho: a Indus-
trialização através das 'Indústrias-para-exporta-
ção'"
Revista técnica do trabalho 11/13 1983
- [13]
GIUDICI - "Sindicato e descentralização produtiva"
Revista técnica do trabalho 9/10, 1981
- [14]
Wallace HENDRI-
CKS - "Unionism, Oligopoly and Rigid Wages"
The Review of Economics and Statistics
Vol.LXIII- nº 2
1981 - Maio
p.198-205
- [15]
LLANO, Eduardo
del - EL Imperialismo: Capitalismo Monopolista
Editorial ORBE
1976, La Habana

- [16]
H. Michael Mann - "Seller Concentration, Barriers to Entry, and Rates of Return in Thirty Industries, 1950-1960"
Review of Economic and Statistics Vol.48, Agosto
- [17]
McEnally, Richard W - "Competition and Dispersion in Rates of Return:
A Note"
Journal of Industrial Economics
Vol. XXV, nº 1
1976, Setembro
p.69-75
- [18]
PHILLIPS, Almarin - "A Critique of Empirical Studies of Relations Between Market Structure and Profitability"
The Journal of Industrial Economics
Vol. XXIV, nº 4
1976, Junho
p.241-249
- [19]
PIMENTA, - "Concentração e Salários - Alguns dados"
Revista Técnica do Trabalho nº 9/10
- [20]
PIMENTA, Carlos - "Marxismo e a Curva de Phillips"
Análise Social, *no prelo*
- [21]
PIMENTA, Carlos - "Salários e Preços no Século XIX em Portugal - Análise Económica"
Boletim de Ciências Económicas da FDC
- [22]
PIMENTA, - "Os salários na Região Norte - Conhecer para Transformar"
Cadernos de Ciências Sociais nº 1, no prelo
- [23]
PIMENTA, AAVV - Curva de Phillips em Portugal (Lisboa e Porto)
1983, Lisboa, IACEP
- [24]
PIMENTA, AAVV, - "A Curva de Phillips em Portugal: Primeiros Ensaios de um modelo global"
Comunicação ao CISEP

- [25]
SCHWARTZMAN, David - "The Effect of Monopoly on Price"
Journal of Political Economy
Vol.67, Agosto
pp. 352/361
- [26]
Willi SEMMLER - "Competition, Monopoly, and Differentials of Profit Rates:
Theoretical Considerations and Empirical Evidence"
Review of Radical Political Economics (URPE)
vol. 13 no 4 / 1982
- [27]
- "Competition, Monopoly, and Differential Profit Rates - A Reconsideration of the classical and Marxian Theories"
Rivista Internazionale de Scienze Economiche e Commerciali
Ano XXIX no 8 1982-Agosto
- [28]
STIGLER, George J. - "Perfect Competition, Historically Contemplated"
The journal of Political Economy
Vol LXV, no 1, 1957-Fevereiro p. 1-17
- [29]
STONEBRAKER, Robert J. - "Corporate Profits and the Risk of Entry"
Review of Economics and Statistics
1976, no 1
p.33-39

- [30]
1. Paul Balan - "Capitalismo Monopolista"
Edição Brasileira -
Tradutor: Waltersir Dutra
1966
Rio de Janeiro, Zahar
- [31]
Paul Boccara - "Etudes sur le capitalisme Monopoliste d'Etat sa Crise
et son Issue"
1ª Edição, 1971
Paris, Éditions Sociales
- [32]
Raymond Courbis - "Compétitivité et croissance en économie concurrencée
(Tome I)
Paris, Dunod
- [33]
P. ERDOS - "The Law of Value and the Real Wages in Capitalism"
Acta Oeconomica Vol 12 (3-4)
pp. 309-320
- [34]
Wesley MELLOW - "Union and Wages: A Longitudinal Analysis"
The Review of Economics and Statistics
Vol. LXIII - nº 1
1981 - Fevereiro p. 43-52
- [35]
Christian Palloix - "Le Procès de travail, du fordisme au néo-fordisme"
La Pensée
1976, Fevereiro
- [36]
João Mart. Pereira - "Industria, Ideologia e Quotidiano (ensaio sobre o
Capitalismo em Portugal)
1ª Edição, 1974
Porto, Ed. Afrontamento
- [37]
RHOADES, Stephen A.- "Concentration, Barriers to Entry and Rates of Return
Revisited"
The journal of Industrial Economics
p.193-199
- [38]
Erich Schreidein - "Einführung in die Wirtschafts theorie"
8ª Ed., 1960
J.C.B.Mohr/Tradução Brasileira: Teoria Económica Trad. Celsa Meirel
les de Castro e Inceberg Helga de Castro
1ª Ed, 1962 Rio Janeiro, Fundo Cultura Vol.IV